

TEORIA DA PERSONALIDADE: UM BREVE RESGATE EPISTÊMICO DESSE CAMPO DO SABER PSICOLÓGICO

Welyton Paraíba da Silva Sousa¹
Maria Aurelina Machado de Oliveira²

RESUMO

Este artigo se trata de uma breve revisão epistemológica da esfera do saber psicológico denominada Teoria da Personalidade. Objetiva-se neste trabalho demonstrar de que forma as teorias da personalidade foram construídas, sistematizadas como uma disciplina delimitada e postulada no campo da psicologia. Propõe-se também averiguar de que maneira tal teoria se constituiu como um campo teórico, qual foi o seu marco inaugural, quais suas interlocuções interdisciplinares e, por fim, quando passou a ser um campo do saber que se propunha a investigar temáticas de ações psicológicas.

Palavras-chave: Teoria da Personalidade. Epistemologia. Psicologia.

ABSTRACT

This article is about a concise epistemological review of the psychological sphere named Theory of the Personality. This work wants to demonstrate how this knowledge were created, organized the theory of the personalities as an area under discussion based on the psychological field. It also purposes verifying how such theory was formed as a theoretical field, how it started, how it is dealt through different interdisciplinary theories and finally when it has transformed into a knowledge field interested in themes involved in a psychological issues.

Key Words: Theory of the Personality. Epistemology. Psychology.

Ao compreender como as teorias da personalidade foram construídas e sistematizadas como uma disciplina delimitada e postulada no campo do saber psicológico, depara-se com uma questão interessante, que vem sendo bastante discutida na psicologia, a qual consiste no fato de que qualquer processo humano é essencialmente uma construção histórica e narrativa. Sobre esta tópica compreende-se a personalidade a partir das óticas de Sloan (1997) e Séve (1978), para os quais os conceitos de Personalidade sempre refletem uma forma histórica e narrativa de individualidade. Segundo Martins (2004):

Pessoa e personalidade aparecem tomados como unidade e propriedade de um ser particular que suplanta a realidade concreta. A personalidade acaba por representar um sistema fechado sobre si mesmo, um centro organizador que desde o nascimento dos indivíduos dirige suas estruturas psicológicas, sendo abordada, portanto, como algo existente dentro do homem e que meramente se atualizará sob dadas condições de existência. A natureza histórico-social da personalidade. Na medida em que esses modelos teóricos centralizam o indivíduo como instância nuclear do processo de personalização tomando-o de maneira dicotômica em relação ao mundo objetivo, não apreendem o fenômeno em sua totalidade concreta, isto é, na indissolúvel unidade entre o indivíduo e o gênero humano. É fato existir no indivíduo uma singularidade irreduzível às coordenadas sociais, mas a existência, o ser dessa singularidade, é exatamente sua construção genérica, uma vez que o homem apenas se individualiza por meio do processo histórico-social, posto que o indivíduo é um ser social singular única e exclusivamente na medida em que é um ser social genérico. (p. 83-84).

Para González Rey (2005), “a personalidade, na definição das diferentes expressões humanas, é inseparável do lugar do sujeito dentro do contexto social e cultural no qual se expressa” (p.264). Assim, para compreendê-la com base em tal perspectiva é necessário apreender além do que são publicados nos livros. E isso implica estudar a história dessa teoria a partir das categorias que se auto-compreendem no feito dos diversos autores que se apresentam nos manuais como teóricos da personalidade.

Este trabalho é um artigo de revisão no qual se objetiva responder às seguintes tópicos: como se constituiu o campo da teoria da personalidade, qual foi o seu marco inaugural, quais foram as contribuições de outras áreas do saber para esta teoria, quais suas fronteiras epistemológicas e, por fim, quando a teoria da personalidade passou a ser um campo do saber que se propôs a investigar temáticas de ações psicológicas.

A obra considerada marco inaugural desta disciplina é *As Personalidades*, de Gordon Allport, lançada em 1937 (PASQUALI, 2000). Sabe-se que Allport estava tentando delimitar e pesquisar a maneira como a Psicologia vinha estudando a personalidade, o modo como este tema vinha sendo investigado, na França do século XIX, e quais as pretensões desta área sobre a temática. Sabe-se que a primeira vez que a personalidade é tomada como foco de interesse da psicologia francesa data de 1899 com o filósofo e psicólogo francês Théodule Ribot, conhecido

como o criador do primeiro laboratório de psicologia experimental francês (DUTRA, 2003).

Théodule Ribot, em *As Doenças da Personalidade*, uma de suas principais obras, registra a primeira vez que na psicologia francesa aparece a personalidade como esfera de investigação, na qual a mesma já surge atrelada ao patológico, ao disfuncional e, conseqüentemente, ao anormal. Então, tem-se um campo que foi construído baseado em associações de seu caráter disfuncional, sem mesmo haver ainda uma definição de personalidade.

Sabia-se, apenas, quando esta extensão do sujeito estava sofrendo uma avaria. Com isso, estava-se criando outro campo específico de estudo para explicar estas variações comportamentais dos indivíduos, constituído pela Psicopatologia, cujo marco inaugural é a publicação em 1913, na Alemanha, da obra *Psicopatologia Geral* de Karl Jaspers. No âmbito deste novo campo de estudo, a personalidade era apenas um tópico estudado dentre os vários temas abordados. Assim expressa Moreira (2002):

A compreensão psicológica da doença se inaugurará a partir do momento em que a doença mental foi abordada como uma entidade, através de especulações de ordem filosófica, o que era possível em uma psicologia ainda não individualizada, expressada na filosofia e na medicina, que se preocupava em tratar doentes atingidos psiquicamente. O termo psicopatologia foi utilizado pela primeira vez em alemão, em 1878, por, mas neste momento equivalia à psiquiatria clínica. Enquanto método e disciplina, a psicopatologia nasce no início do século XX com o filósofo Theodule Ribot e a criação do método psicopatológico enquanto psicologia patológica, um ramo da psicologia científica diferente da psicologia experimental ou genética. Neste período existia na Sorbonne a cátedra e um laboratório de psicologia patológica, denominação que pouco a pouco foi sendo substituída, na França, por conta da ambigüidade do termo (psicologia do patológico ou patologia do psicológico, psicologia do anormal e do patológico) e pela referência à perspectiva única de Ribot. Posteriormente, em 1913, Karl Jaspers, na Alemanha, faz nascer a psicopatologia propriamente dita, com a publicação de *Psicopatologia Geral*, que representa uma corrente diferente da de Ribot (p. 2).

É neste contexto que a medicina francesa define, também, outros três objetos de investigação: as doenças históricas de Jean Martin Charcot em 1883 , as neuroses Freudianas em 1895 e as múltiplas personalidades de Pierre Janet em 1889; ou seja, estes teóricos tomaram como objeto de estudo sujeitos anormais. O

contrário fizera na Alemanha, em 1879, o psicólogo Wilhelm Wundt, que através do método introspectivo estudava sujeitos normais.

Foi exatamente com a *volkerpsychologie* de Wundt, que se inaugurou na psicologia uma maneira de estudar o humano a partir do método comparativo da história e da Antropologia, pois fora esta matriz wundtiana que influenciou toda uma geração de psicólogos, inclusive Ribot. A definição do estudo da coletividade como uma ferramenta para entender o sujeito tornou-se um ponto de encontro entre a psicologia alemã e a Psicanálise de Freud, principalmente quando este começou, em 1913, a escrever textos de características mais sociais, isto é, uma série de textos de análise da cultura.

A partir desse momento emana uma esperança de que assuntos como a personalidade seria estudada a partir de uma ótica culturalista, contudo isto não aconteceu na psicologia dos Estados Unidos, pois a maior parte dos intelectuais que irão formar a tradição deste país eram psiquiatras, não recebendo, portanto, uma significativa influência de psicólogos germânicos.

Assim, aconteceu a grande tragédia, que foi a simplificação de todo um campo da Teoria da Personalidade a manuais de Teorias da Personalidade (SHULTZ & SHULTZ, 2002). Tal fato iria ocasionar duas coisas: 1) uma série de temas ligados estritamente à teoria da personalidade ficou de fora, dentre as quais, questões ligadas às minorias, à loucura, a fenômenos espiritualistas afro-brasileiros e à formação da personalidade autoritária, como a de Adolf Hitler; 2) esses temas passam a ser estudados por outras ciências, dentre elas destacam-se as Ciências Sociais, a Psiquiatria, a Antropologia e um outro ramo da Psicologia, isto é, a Psicologia Social.

Nesse contexto brotaram alguns equívocos, por exemplo, inseriu-se nos manuais de Teoria da Personalidade teóricos como Wilhelm Reich, que nunca pensou está construindo uma teoria da personalidade, mas sim do caráter e B. Skinner, que certamente ficaria horrorizado só em pensar que não seria um teórico da aprendizagem. Outro exemplo seria a definição e organização padronizadas destes manuais de psicologia, que passou a ser hegemônica nos países de tradição estadunidense, ou por ela influenciada, como o Brasil.

Por fim, busca-se justamente tentar colocar não as críticas feitas aos teóricos que hoje são apreciados como teóricos da personalidade ou como personagens que pensaram a personalidade e/ou as suas lacunas teóricas, mas, sim, explicitar que

houve e há um esvaziamento na compreensão teórica dessa área do saber, devido ao gerenciamento e a forma como estes manuais se constituíram, compreenderam e organizaram este novo recinto de estudo da dimensão do saber psicológico. Conforme Gusdorf (1977):

É desconhecer o fato de que o saber de uma época deve ser apresentado no quadro conceitual que lhe é próprio, respeitando-se, rigorosamente, a ordenação dos domínios e respeitando-se, por igual, a concepção particular que a época fez de tal ou qual compartimento do saber (p. 20).

Após os apanhados epistemológicos presentes neste estudo bibliográfico, conclui-se que os psicólogos têm dificuldade de compreender a grandeza histórica da psicologia, uma vez que são acostumados a se depararem com categorias mentalistas (intimistas, abstratas e individualizantes), pois, segundo Moreira (2002), “acostumados a ignorar os processos históricos, os psicólogos têm desenvolvido uma pseudociência não histórica, cujos conceitos e princípios são apenas tangencialmente relevantes para responderem os dilemas de nossa época” (p. 38). Além disso, são treinados, quase que exclusivamente, para solucionarem questões psicoterápicas; sendo assim, esses profissionais carecem de habilidades para compreenderem as matrizes culturais que produzem o humano.

REFERÊNCIAS

DUTRA, L. H. de A. Claude Bernard e a Psicologia Experimental. **Manuscrito – Rev. Int. Fil.**, Campinas, v. 26, n. 1, jan.-jun. 2003. p. 71-111.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GUSDORF, G. Prefácio de Interdisciplinaridade e Patologia do Saber. Rio de Janeiro: Imago editora, 1982. *In*: Past, present and future in interdisciplinary research, **International Social Science Journal**, Vol. XXIX, No. 4:580-600, 1977.

MARTINS, L. M. A Natureza Histórico-Social da Personalidade. Caderno Cedes, Campinas, vol. 24, n.62, p.82-99, 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acessado em 19 de Outubro de 2009.

MOREIRA, V.; SLOAN, T. **Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica**. São Paulo: Escuta, 2002.

MOREIRA, V. Psicopatologia Crítica. 2002. Disponível em: <[http://www.unifor.br/semana de psicologia](http://www.unifor.br/semana%20de%20psicologia)> Acessado em 19 de Outubro de 2009.

PASQUALI, L. **Os Tipos Humanos: A Teoria da Personalidade**. Brasília: Labpam, 2000.

SHULTZ, D.P., & SHULTZ, S. E. **Teorias da personalide**. São Paulo: Thomson, 2002.

SÈVE, L. **Man in Marxist Theory and the Psychology of the Personality**. Hassocks, Sussex: Harvester Press, 1978.

SLOAN, T. Theories of personality: Ideology and Beyond. In: FOX, D. PRILLELTENSKY, I. **Critical Psychology: an Introduction**. Thousands Oaks: Sage, 1997.

-
1. Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Pós-graduação em Saúde Mental pela FATEC/IBPEX. E-mail: welytonpa@yahoo.com.br.
 2. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: maria.aurelina@yahoo.com.br.